

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

**A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO COMO PERCURSO PARA A  
CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PELO OLHAR DA PSICANÁLISE E DA  
ANÁLISE DO DISCURSO<sup>1</sup>  
MEMORY AND FORGETFULNESS AS A COURSE FOR THE  
CONSTITUTION OF THE SUBJECT BY THE LOOK OF PSYCHOANALYSIS  
AND DISCOURSE ANALYSIS**

**Sabrina Corrêa Da Silva<sup>2</sup>, Aline Maria Zampieri<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Trabalho final da disciplina História, Memória e Direitos Humanos do Mestrado em Direitos Humanos.

<sup>2</sup> Graduada em Filosofia e Psicologia pela Unijuí, Mestre em Filosofia pela UFSM, Doutoranda em Educação nas Ciências da Unijuí. Bolsista CAPES. Email: sabrina.tche@gmail.com

<sup>3</sup> Graduada em Letras pela Unijuí, mestranda em Educação nas Ciências pela Unijuí. Email: aline.zamp@hotmail.com

**Resumo:**

Consideramos, aqui, a partir da perspectiva psicanalítica e linguística, em especial a Psicanálise de Lacan e a Análise do Discurso de Pêcheux, que a memória se constitui a partir e pela linguagem, isso significa dizer que para a psicanálise o sujeito é pensado enquanto estrutura de linguagem inscrita pelo discurso do Outro - sujeito enquanto significante para outro significante - S/S e, que isso dirá do seu lugar no discurso no laço social. Já para a Análise do Discurso, o sujeito é pensado a partir de sua enunciação, a qual aponta também para uma posição no discurso social. Assim, o sujeito se constituirá enquanto lugar discursivo construído no e pelo laço social, ou seja, na linguagem. Estas considerações apontam para a interpretação da memória enquanto construção discursiva. Nesse sentido, pensar o sujeito implica pensar sua constituição a partir do Outro, de dizeres que estão na memória discursiva e nos esquecimentos que o colocam diante do processo de existência por meio da linguagem.

**Abstract:**

We consider here, from the psychoanalytical and linguistic perspective, especially the Lacan Psychoanalysis and the Pêcheux Discourse Analysis, that memory is constituted from and by language, that is to say that for psychoanalysis the subject is thought as a structure Of language inscribed by the discourse of the Other - subject as signifier to another signifier - S / S, and that this will tell of its place in discourse in the social bond. Already for the Discourse Analysis, the subject is thought from its enunciation, which also points to a position in the social discourse. Thus, the subject will be constituted as a discursive place built in and by the social bond, that is, in language. These considerations point to the interpretation of memory as a discursive construction. In this sense, thinking about the subject implies thinking about its constitution from the Other, from sayings that are in the discursive memory and in the forgetfulness that put it before the process of existence through language.

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

**Palavras-chave:** Memória, discurso, sujeito.

**Keywords:** Memory, speech, subject

### 1. Introdução:

O presente trabalho é resultado do percurso realizado na disciplina História, Memória e Direitos Humanos, do Mestrado em Direitos Humanos da Unijuí e se caracteriza como trabalho final da disciplina, construído a partir das leituras feitas sobre o conceito de Memória e Esquecimento, considerando nossas travessias formativas pessoais, a saber, a Psicologia e a licenciatura em Letras.

Partindo do pressuposto de que a memória coletiva constitui/constrói a memória individual, colocamos em pauta a singularidade da constituição do sujeito pelo viés da memória e do esquecimento nas perspectivas psicanalítica (pelo viés de Lacan) e lingüística (na perspectiva da Análise do Discurso de vertente francesa, doravante AD). A escolha por esta travessia conceitual não se dá fortuitamente, visto que nossa formação acadêmica percorre estes lugares. Isso também significa dizer, que falamos a partir de um contexto histórico, que não pode ser desconsiderado. É a partir da relação do humano com a linguagem, condição de nossa existência, produção construída pelo giro lingüístico, o qual aponta para a construção das possibilidades de conhecimento, de narrativas a partir da hermenêutica, paradigma comunicativo, ou seja, há o reconhecimento da razão, mas numa dialogicidade, e não como verdade absoluta, assim como aponta a psicanálise, enquanto discurso, que consideramos esta produção.

### 2. Metodologia:

A perspectiva metodológica com a qual trabalhamos foi construída a partir da pesquisa qualitativa bibliográfica dos fundamentos teóricos que sustentam a problemática levantada. No que tange o campo teórico, usamos como principais autores, o referencial de análise das obras de alguns pensadores da psicanálise e da Análise do Discurso, em especial Jean Jacques Lacan e Michel Pêcheux. Este caminho metodológico não contempla uma análise engessada, pois possibilita a reconstrução e interpretação dos caminhos teóricos, haja vistas para nosso percurso de leituras.

### 3. Resultados e Discussão:

Segundo a psicanálise, a criança ao nascer é vista como um corpo, mero pedaço de carne. Para que nesse corpo possa surgir um sujeito, é necessário que um grande Outro esteja disposto a inseri-lo em uma rede de significantes. Esse Outro primordial irá, através de seu discurso recheado de significantes, inscrever nesse corpo marcas para que seja possível o surgimento de um sujeito desejante. A mãe, ou aquela que se propõe a desempenhar a função materna monta uma rede de significantes onde o bebê tem a possibilidade de se emaranhar nessa trama e se colocar frente à sua constituição. É a mãe, portanto, que através dos seus cuidados e do seu discurso que inaugura o percurso da subjetivação e o pai como o terceiro elemento nessa relação intervém com a lei.

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

Assim, essa rede de significantes, reconhecida como traços mnêmicos<sup>[1]</sup> está carregada de significantes, os quais foram inscritos através do discurso do grande Outro. Este que, primeiramente, é representado pelo Outro primordial, encarnado na função materna. Podemos afirmar, a partir do exposto, que o sujeito se constitui através do discurso do grande Outro; e, as inscrições significantes possibilitarão a sua posição enquanto sujeito desejante.

Para pensarmos o sujeito, então, faz-se necessário pensar de que lugar no discurso o sujeito fala. Para tanto, nos remetemos ao postulado fundamental lacaniano, a saber, que o inconsciente é estruturado como linguagem. Ou seja, o sujeito é pensado enquanto uma estrutura de linguagem inscrita pelo discurso do Outro - sujeito enquanto significante para outro significante -. É este significante que irá organizar a estrutura do sujeito, sendo que esta estrutura é dada pelo social, através do discurso do Outro. Nas palavras de Backes:

O sujeito da psicanálise é, então, o sujeito da enunciação, produzido no encontro que surpreende o sujeito falante na produção de uma significação que ele não sabia, mas que é efêmera como o próprio ato. Dizendo de outro modo: o efeito de sujeito diz do desacordo entre o enunciado e a enunciação. O sujeito, tomado no rigor do conceito, seria inapreendido pelo ato do psicanalista, inclui transferência e desejo do analista - o analista só o é por seu desejo, e não simplesmente por ser nomeado ou exaltado. (BACKES, 2006, p. 120)

Sendo o sujeito uma estrutura de linguagem inscrita pelo discurso que circula no laço social em cada momento histórico, teremos neste sujeito, a partir do sintoma, o qual é formação inconsciente, sua posição no discurso. Como postula Backes:

(...) o sujeito aparece como um efeito a ser interpretado, e que esse efeito se mostra como descontinuidade do enunciado discursivo, como o conhecemos: uma homofonia, um absurdo lógico, um lapso, um ato falho, um tropeço, um esquecimento, ou numa expressão qualquer que insiste.(BACKES, 2006, p. 120)

Sabemos que no início da Psicologia, Freud apresenta na obra Recordar, Repetir e Elaborar(1914) considerações significativas sobre sua Metapsicologia. Tivemos com Breuer, o método catártico, que procurava focar no sintoma (lembranças carregadas de afeto, as quais eram originadas pelos traumas) para produzir a descarga e, assim, a eliminação do mesmo, via consciente. Em seguida tivemos a hipnose, método de produção da recordação, e, por fim, a associação livre, método utilizado até os dias atuais, aqui o analista não coloca em foco qualquer momento ou problema, entra em cena a arte da interpretação.

Contenta-se em estudar tudo o que se ache presente, de momento, na superfície da mente do paciente, e emprega a arte da interpretação principalmente para identificar as resistências que lá aparecem, e torná-las conscientes ao paciente. Disto resulta um novo tipo de divisão de trabalho: o médico revela as resistências que são desconhecidas ao paciente; quando essas tiverem sido vencidas, o paciente amiúde relaciona as situações e vinculações esquecidas sem qualquer dificuldade.

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

O objetivo destas técnicas diferentes, naturalmente, permaneceu sendo o mesmo. Descritivamente falando, trata-se de preencher lacunas na memória; dinamicamente, é superar resistências devidas à repressão. (FREUD, 1911 p. 90)

Tecemos junto a essas considerações psicanalíticas, o lugar do sujeito para a lingüística, de forma mais precisa, para a AD. Ao pensar nesse sujeito, precisamos considerar que o mesmo, para essa teoria, não é um sujeito físico, ele é assujeitado porque enuncia de uma determinada posição, do lugar social que ocupa, e, por isso, o sentido não parte dele, pois ele sempre está em confronto com sentidos de outras posições. Esse sujeito, que é um sujeito imaginário, é efetivamente, outro: pensa por outro, fala por outro e age por outro. Para Orlandi (2006, p.15), “o sujeito da AD não é o sujeito empírico, mas a posição-sujeito projetada no discurso”, ou seja, o sujeito constituído pela ideologia enuncia de determinada posição que faz com que sejam produzidos uns sentidos e não outros, dependendo sempre da posição que ocupa. Como afirma Maria Cristina Leandro Ferreira (2005, p. 21)

(...) o sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo, só pode ser constituído em referência às condições de produção de um determinado enunciado, uma vez que muda de acordo com a formação ideológica de quem o reproduz, bem como de quem o interpreta. O sentido nunca é dado, ele não existe como um produto acabado, resultado de uma possível transparência da língua, mas está sempre em curso, é movente e se produz dentro de uma determinação histórico-social, daí a necessidade de se falar em efeitos de sentido.

A partir dessa proposição, é necessário perceber que, para a AD, sujeito e sentido se constituem mutuamente, visto que um depende do outro para ter e fazer sentido. Na Obra Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan de Marco Antonio Coutinho Jorge, aponta:

(...) cabe dizer uma palavra sobre a afirmação lacaniana de que ‘não há metalinguagem’, ou, dito de outra forma, ‘não há Outro no Outro. O Outro é o lugar do significante, é o registro do simbólico, que Lacan denomina de Outro na medida mesma em que o campo dos significantes é faltoso, é incompleto e nele há sempre a possibilidade de introduzir, por meio de um ato criativo, um *novo significante*. (JORGE, 2008, p.92) [grifos do autor]

A partir dessa ideia, julgamos que o sujeito assume uma posição de sujeito, lugar este que não é real, ele é imaginário, porque apenas representa um lugar discursivo. Dito de outra forma, o sujeito da AD é interpelado ideologicamente para que assim partam dele os sentidos. Sobre isso, discorre Orlandi (1999, p. 46) que “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”. Para a psicanálise:

(...) o lugar do significante é nomeado por Lacan de Outro porque ele jamais é o mesmo, ele é sempre diverso de si mesmo, ele nunca apresenta uma identidade definitiva: ele é pura *alteridade*. Assim, atestar que ‘não há Outro do Outro’ implica formular a radical incompletude do Outro:

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

para além desse regime faltoso, furado da linguagem, nada vem em suplência. O Outro não poderia possuir uma alteridade para além de sua própria, ele *já é* a alteridade, ele *já é* Outro continuamente: nada vem lhe garantir qualquer limite definido. (JORGE, 2008 p. 92) [grifos do autor]

A partir dessas proposições, podemos acionar as noções teóricas de memória e esquecimento cunhados por Pechêux para entender o processo da constituição do sujeito via linguagem, a qual se dá justamente no tocante desses conceitos. Para isso, precisamos considerar ainda a noção de interdiscurso. No interdiscurso, encontram-se os discursos pré-construídos, e, conforme Cazarin (1995, p. 19) “o pré-construído é apresentado como o “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma de universalidade (mundo das coisas)”. Nesse sentido, assinalamos que interdiscurso é o conjunto de tudo o que foi dito anteriormente e o que pode vir a ser dito, é o lugar onde se encontram os dizeres, na rede da dispersão. As palavras não são particulares, pois tudo o que falamos está na linha do repetível. Falamos o que outros já disseram em contextos e épocas diferentes, e as mesmas palavras não significam a mesma coisa, porque o que determinará o sentido dos enunciados será o lugar/posição que ocupa.

O interdiscurso serve de “base” para o que será dito “sustentando cada tomada de palavra” (ORLANDI, 1999, p. 31); é o já-dito e esquecido e o vir a ser, dando as condições para determinar o que falamos, pois, “para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido” (ORLANDI, 1999 p. 33). Podemos pensar o interdiscurso como uma teia, a qual consideramos como uma teia discursiva, ou seja, é um lugar onde tudo se encontra, tudo está posto e interligado. Embora pensemos estar originando um novo dizer, na verdade ele está esquecido em nossa memória, nós o “ativamos” para uma determinada situação e fizemos o enunciado readquirir um novo sentido diante da situação em que o estamos proferindo. Além disso, ressalta Orlandi (1999), este esquecimento ocorre para que, quando os enunciados retornem em nosso dizer, possamos nos subjetivar com outros sentidos e enquanto sujeitos. Leandro Ferreira (2005, p. 17) reafirma o que Orlandi sustenta e atesta que o interdiscurso “se inscreve no nível da constituição do discurso, na medida em que trabalha com a resignificação do sujeito sobre o que já foi dito, o repetível”. Ambas as teóricas defendem a posição de que na verdade há uma particularização dos enunciados já-ditos e esquecidos. Enfocam que esses dizeres são resignificados ao serem proferidos, portanto ocupam o lugar da diferença. O interdiscurso é, portanto, a significação, a historicidade política e ideológica de um dizer.

Podemos nos valer aqui da memória discursiva, também denominada memória do dizer. Ela dá, segundo Leandro Ferreira (2005, p.19), “possibilidades de dizeres que se atualizam no momento da enunciação”. De outro modo, podemos afirmar que a memória discursiva é atravessada por distintos dizeres, dando-nos pistas de como outros domínios de dizeres são atravessados nos enunciados.

As noções de interdiscurso e de memória discursiva estão intimamente imbricadas. Orlandi (1999, p. 31) trata a memória discursiva como equivalente ao interdiscurso, ou seja, ambos reportam “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível”. Já Cazarin (1998), ao tratar dessas noções, afirma que elas não podem ser tidas como a mesma coisa. Para essa autora, a memória discursiva faz relações com o

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

pré-construído, ou seja, quando acionamos o interdiscurso, ativamos a memória discursiva para que a partir dela se façam ligações entre os enunciados recolhidos na cadeia de discursos para que eles possam fazer sentido, já que, como mencionado acima, “para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido” (ORLANDI, 1999 p. 33). Em suma, essa autora defende que

(...) talvez seja o caso de compreendermos que o interdiscurso fornece elementos para a reconstituição/restabelecimento da memória discursiva, que é da ordem do interdiscurso, mas que, para produzir sentidos, precisa ser mobilizada pela posição-sujeito. Mobilização essa que funcionaria, então, tanto como gesto de interpretação, quanto como categoria de análise, nos moldes do trabalho de Courtine (1981). Isso nos levaria a aceitar, como já sinalizamos, que a memória discursiva é lacunar (pois aí interfere a posição-sujeito que a mobiliza), ao passo que o interdiscurso é saturado de sentidos - tudo está lá. Se nosso entendimento se sustenta, a noção de interdiscurso, então, não poderia ser colocada numa relação de equivalência com a de memória discursiva.

A diferença entre o interdiscurso e a memória discursiva está, então, em que o primeiro abarca o já-dito e o a dizer, enquanto a segunda trabalha somente com o que já está na cadeia do que já foi dito, não atinge o que está por ser dito.

Outra noção que nos ajuda na compreensão da constituição do sujeito é a de equívoco, este que, segundo Orlandi (2006), define-se como “a falha da língua na história”, isto é, o equívoco é constitutivo da linguagem e por isso a mesma é passível de falhas, estas que fazem com que sentidos outros sejam possíveis.

#### 4. Considerações Finais:

Considerando o exposto, podemos pensar, a partir da leitura psicanalítica e linguística, que tanto para a psicanálise quanto para a AD - Análise do Discurso-, o sujeito se constitui a partir do outro/Outro, de dizeres que estão na memória discursiva e pelos esquecimentos que o coloca diante do processo de existência pela via da linguagem. Nesse sentido, coloca-se como substancialmente importante considerar a memória discursiva desse sujeito para poder entendê-lo na sua essência e integralidade, visto que sua condição humana perpassa por caminhos já ditos e esquecidos, os quais são resgatados para que tenham e façam sentido e digam sobre o Sujeito. Assim como a arte para Heidegger, podemos pensar em relação à memória na constituição do sujeito. Nas palavras de Figueiredo:

“Que quer dizer pensar?”, atribui à memória este poder: *toda criação poética nasce do fervor pensante da recordação*. Não se trata, obviamente, da memória entendida como a faculdade humana que tem o poder de conservar representações. Trata-se da memória atraída pelo que se reserva e pelo que se pode impor a nós como o que merece ser *esperado: esperar que dizer aqui: aguardar por todos os lados, no interior do já pensando (do já visto, do já ouvido, etc.) o não pensado ainda que aí se esconde*. É uma memória que se alimenta e conserva em um estar à

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

escuta que devolve o criador, tal como a obra faz em quem a frui, à condição de signo de sentido. Conduzindo o homem a esta condição posto à escuta, não lhe resta alternativa senão falar. (FIGUEIREDO, 1994, P. 111-112) grifos do autor.

## 5. Referências:

BACKES, C. **REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE** / Associação Psicanalítica de Porto Alegre. O Que funda o Sujeito. - n° 31, p. 120, Porto Alegre, 2006.

CAZARIN, E. A. **A propósito de uma introdução para a análise do discurso da escola francesa**. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1995. (Cadernos UNIJUI).

\_\_\_\_\_. **Heterogeneidade discursiva: relações e efeitos de sentidos instaurados pela inserção do discurso-outro no discurso político de L. I. Lula da Silva**. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1998. (Série Dissertações de Mestrado).

FERREIRA, M. C. L. **Glossário de termos do discurso**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio. **Escutar, Recordar, Dizer**. Encontros Heideggerianos com a clínica psicanalítica. São Paulo; Educ/Escuta, 1994.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução por Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREUD, Sigmund. 1911. Obras Completas, volume 12: **Notas Psicanalíticas sobre um relato Autobiográfico de um caso de Paranóia**. Tradução Alix e James Strachey. Versão PDF.

FREUD, Sigmund (2014). **Recordar, repetir e elaborar**. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JORGE, Marco Antonio Coutinho, 1952 - **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan** / Marco Antonio Coutinho Jorge. - 5 Ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes Editores, 1999.

\_\_\_\_\_. Análise do discurso. In: LAGGAZI-RODRIGUES, S.; ORLANDI, E. P. **Introdução as ciências da linguagem: discurso e textualidade**. São Paulo: Pontes Editores, 2006. p. 13-28.

PECHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Ed. Unicamp, 1988.

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

[1] Para a psicanálise, traços mnêmicos ou marcas mnêmicas constituem as formações do Inconsciente, que aparecem no sujeito pelo sonho, atos falhos, esquecimentos, chistes, sintoma. Isso constitui o aparelho psíquico do sujeito, que por sua vez, diz acerca de sua realidade psíquica.